

Os livros e os pactos de leitura em *As crônicas de Olam: luz e sombras*, de L. L. Wurlitzer

FRANCISCO DE ASSIS FERREIRA MELO*

Resumo: A proposta deste artigo é estabelecer uma aproximação entre *As crônicas de Olam: luz e sombras*, de Leandro Lima Wurlitzer, com as narrativas *Fausto*, de Goethe, e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, tendo o livro como objeto agregador dessas obras. É demonstrado na análise como as relações do ser humano com os livros acabam por determinar algum tipo de punição, principiando pela queima de livros e mesmo alcançando o autor como um ato de purificação social. Os pactos são estabelecidos bem como quebrados, de acordo com o tempo de produção de cada uma das narrativas, como se observa no drama dos personagens protagonistas, respectivamente: Ben como guardador de livros, Fausto que se decepciona com a ciência e Montag que insiste em esconder as verdades que os livros podem trazer. Nos três casos, há consequências tanto para o bem quanto para o mal, segundo os pactos por eles firmados.

Palavras-chave: Acordos; Palavras; Escrita; Punição; Purificação.

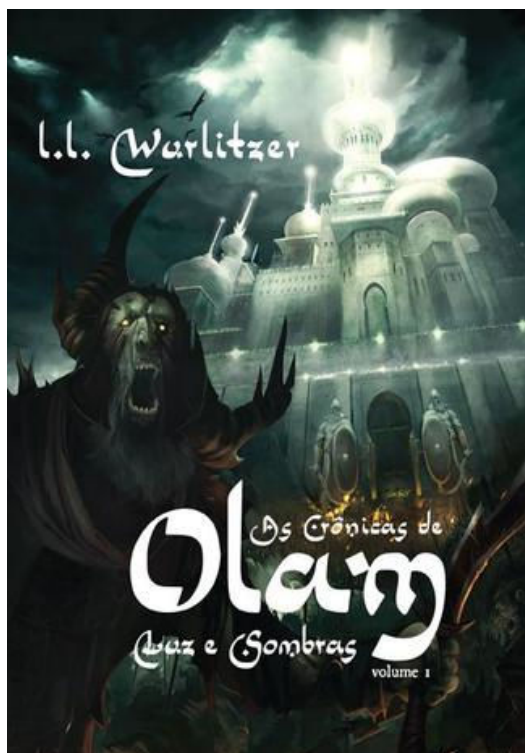
The books and the reading pacts in *As crônicas de Olam: luz e sombras*, by L. L. Wurlitzer

Abstract: This article focuses on establishing an approach between *As crônicas de Olam: luz e sombras*, by Leandro Lima Wurlitzer, with the narratives *Faust*, by Goethe, and *Fahrenheit 451*, by Ray Bradbury, studying the book as an aggregating object of these works. It is shown in the analysis how the relations of human beings with books end up determining some kind of punishment, beginning with the burning of books and even reaching the author as an act of social purification. The pacts are established as well as broken, according to the production time of each of the narratives, as can be seen in the drama of the main characters, respectively: Ben as a book keeper, Faust who is disappointed with science, and Montag who insists on hiding the truths that books can bring. In all three cases, there are consequences for both good and evil, according to the pacts they sign.

Key words: Agreements; Words; Writing; Punishment; Purification.



* FRANCISCO DE ASSIS FERREIRA MELO é doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão; doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



Considerações iniciais

As crônicas de Olam: luz e sombras, obra literária brasileira escrita por Leandro Lima Wurlitzer, é uma narrativa de alta Fantasia situada em um mundo chamado Olam, que está dividido por sombras e luzes. Essas crônicas narram a história de um jovem aprendiz, Ben, que não conhece a sua origem e que, por um capricho do destino, se vê envolvido em uma rede de acontecimentos que vão muito além de sua compreensão, resultado do desaparecimento de seu mestre Enosh. Ele então parte em uma aventura na companhia de uma moça e um rapaz, sabendo que poderá descobrir muito mais do que a sua própria origem, acabando por iniciar um processo de transformações desse mundo.

Existem muitos pactos passivos de acontecerem, de forma material, escrita, ou ainda psicológica, como enfrentado por Ben, onde o acesso à palavra e ao conhecimento converte-se em uma espécie de aliança, conforme discorreremos a seguir. E tratando desses pactos, procuraremos demonstrar em

nossa análise como as relações do ser humano com os livros acabam por determinar algum tipo de punição, e para tanto estabeleceremos uma aproximação d'*As crônicas de Olam: luz e sombras* com as narrativas *Fausto*, de Goethe, e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury.

Ao analisar esses livros, percebemos um ponto de aproximação entre eles. Nessas três obras, aparece a questão do livro como elemento agregador dessas três narrativas. Em *As crônicas de Olam: luz e sombras*, há o guardião de livros responsável por guardar numa biblioteca secreta todos os conhecimentos de Olam; em *Fausto*, há a queima dos livros, já que o personagem, depois do pacto, não acredita mais no conhecimento e na ciência, mas sim nos fenômenos místicos e em Mefisto; e, em *Fahrenheit 451*, há uma censura aos livros e ao conhecimento, movidos pelo estado que coloca Montag diante do impasse de romper ou não com as leis.

Dessa forma, tanto *As crônicas de Olam: luz e sombras* como *Fausto* e *Fahrenheit 451*, embora tenham sido publicados em épocas e momentos diferentes – *Fausto*, na Alemanha do século XIX, *Fahrenheit 451*, nos Estados Unidos de 1953 e *As crônicas de Olam: luz e sombras*, no Brasil de 2014 –, têm na palavra o centro da erudição da ciência humana, bem como celebram os vários acordos e desacordos do homem. E em uma breve análise da significação da presença dos livros, sobretudo na narrativa *As crônicas de Olam: luz e sombras*, somos colocados diante da ação aparentemente mais comum do ser humano, sua palavra. É o seu comprometimento em honrar a palavra que fora empenhada, como afirma o narrador-personagem Enosh, acerca de acordos firmados e rompidos: “O antigo tratado estava quebrado. Eu já podia antever as consequências inevitáveis do ato” (WURLITZER,

2014, p. 12). Pensamentos como esse são advindos daqueles cujo longo tempo de vida lhes permitiram acumular experiências e, de alguma maneira, reconhecer que qualquer atitude acaba reverberando por toda a vida.

Esse é o contexto em que o protagonista Ben aparece para a cidade de Havilá, alguém que ainda se arrisca sem considerar o perigo. Enosh, seu mestre, se questiona: “Às vezes, eu me perguntava qual era a vantagem de ter um aprendiz. E, afinal, quando ele retornaria? Eu me perguntava por que Ben não atendia aos meus chamados justamente quando eu mais precisava dele?” (WURLITZER, 2014, p. 15). Os mais velhos são reconhecidos como “a voz da experiência”, a cautela diante do inesperado. Quando jovens, queremos viver além das margens da segurança, romper qualquer fronteira e proclamar todos os pactos possíveis. Em nossa juventude, propelamo-nos em todos os jogos que vencidos enalteçam a honra, comprometendo até mesmo o futuro.

Pactos malditos

Como já anunciado, *As crônicas de Olam: luz e sombras* mostram como um jovem tem a sua vida modificada em razão de seu contato com o conhecimento via livros, o que pode nos levar a pensar na importância da presença desse objeto para as pessoas. Se nos preocuparmos em ter um olhar mais acurado, verificamos que a história da humanidade é pautada pelo contar e recontar suas aventuras passadas. É uma atitude de transcrever todas as formas de uma evolução e as infindáveis vezes em que o homem se viu diante de impasses, cujos resultados posteriores às suas decisões trouxeram, por vezes, vitórias e muitos outros fracassos resultantes de suas inconstâncias ante à necessidade de se tomar uma decisão.

Ao ouvirmos a voz do narrador descrevendo a angústia sentida por Ben em ter que deixar a sua cidade, lembramo-nos do exposto por Chartier (1999, p. 19) de que devemos considerar “o conjunto dos condicionamentos que derivam das formas particulares nas quais o texto é posto diante do olhar, da leitura ou da audição, ou das competências, convenções, códigos próprios à comunidade à qual pertence cada espectador ou cada leitor singular”. É o saber acumulado em livros e a leitura deles, a consagração do pacto entre Ben, personagem central da narrativa, e a simbólica imagem demoníaca na concepção dos livros.

Abrir um livro constitui uma concordância em acompanhar os eventos dispostos nele, como em *Fahrenheit 451* o exemplo de Montag, um bombeiro que não apaga fogo, mas o leva, proibido de olhar o que há dentro dos objetos motivadores de ódio ao conhecimento. Isso desperta nele uma curiosidade: “— Por onde começamos? — Abriu o livro ao meio e o observou. — Começamos pelo começo, eu acho.” (BRADBURY, 2012, p. 92). Os pactos promovidos por cada um desses personagens, Ben e Montag, estão intimamente ligados à palavra em todas as suas possibilidades, que, escritas e lidas juntas, tentam transparecer uma pálida representação da humanidade.

Eco (1985, p. 10) nos chama a atenção de que “a grande maioria das leituras faz descobrir efeitos de sentido em que não se tinha pensado”. Em outro trabalho, o autor comenta que “[a] pesar das diferenças óbvias quanto aos graus de certeza e incerteza, toda descrição do mundo é um livro em si mesmo, aberto a outras interpretações.” (ECO, 2005, p. 177). Algo que é posto e aplicado aos homens (leia-se humanidade), e exemplificado pelos personagens em foco. Não saber sobre si os obriga a

aprender, encontrar o significado na variação de sentidos de todo universo que está a sua volta. Sem dúvida que Ben e Montag se encontram diante de um complicador, o destino.

De certa forma, enxergamos na dualidade de Fausto, em toda a sua sapiência, não compreender a vida tal como ocorre aos jovens. Segundo Berman,

O que esse Fausto deseja para si mesmo é um processo dinâmico que incluiria toda sorte de experiências humanas, alegria e desgraça juntas, assimilando-as todas ao seu interminável crescimento interior; até mesmo a destruição do próprio eu seria parte integrante do seu desenvolvimento (2007, p. 53).

Os apontamentos feitos por Berman colocam o ser humano nessa berlinda, que é viver. Mesmo que a sua exposição aponte especificamente para Fausto, em grande parte, são questões que acompanham a construção humana e que, igualmente, perseguem Ben e Montag. Podemos, então, verificar nas próximas páginas como a questão do pacto sugere uma diversidade de variáveis, como citado por Berman sobre *Fausto*, e que pode ser visto n'*As crônicas de Olam* e em *Fahrenheit 451*. O pacto passa por Fausto, Mefistófeles e pelo estudante no quarto de trabalho; por Ben e pelo sábio Enosh na biblioteca secreta; e por Montag e Beatty na incineração de livros.

Talvez a dualidade do homem ao ter que enfrentar um dos seus maiores dilemas, em escolher entre a verdade ou a mentira, venha demonstrar porque viver às vezes lhe parece muito difícil. O sábio Enosh fala que “havia acumulado mais segredos do que um homem só deveria carregar... E eles estavam se tornando cada vez mais pesados” (WURLITZER, 2014, p. 12). Saber o que é certo e

compreender porque algo deva ser entendido como errado, talvez, justifique o constante pacto com a dúvida.

Para Ben, o guardião de livros, essas duas possibilidades dentro de sua mente “se mostrava[m], praticamente todas terminando em morte e desespero. Estava tudo no sonho de pedra. O sonho era real. Halom mostrara o futuro, um terrível futuro. Ele só havia entendido tarde demais...” (WURLITZER, 2014, p. 306). Elas constituíam-se sempre em mistérios, provocando uma invasão infundável de conhecimentos, como em *Fahrenheit 451*, que traz à tona o porquê de gostar ou não gostar de um livro. Para Chartier,

Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro (1998, p. 8).

Somos levados a aceitar que, de uma forma ou de outra, todo livro é o bem e o mal ao mesmo tempo. Não reconhecer o peso dessas palavras seria negar todo o significado e a essência das muitas maneiras de perceber como achamo-nos pactuados com essas experiências, filosofias e palavras, das quais emanam os bons ou maus sentimentos. Chartier (1998, p. 9) afirma que “algumas dessas [obras], mais do que outras, não esgotam jamais a sua força de significação” e tampouco a sua capacidade de influenciar novos leitores.

Também não podemos esquecer que dessas mesmas palavras surgem as dúvidas e as respostas tidas como certas, que se modificam e nos obrigam a considerar o que nos cobram os livros. Por que um mesmo livro consegue

agradar e desagradar? Talvez uma das melhores explicações venha do diálogo entre o capitão Beatty e Montag, pelas mãos de Ray Bradbury:

Lembre-se, Montag, quanto maior seu mercado, menos você controla a controvérsia! Todas as menores das menores minorias querem ver seus próprios umbigos, bem limpos. Autores cheios de maus pensamentos, tranquem suas máquinas de escrever! Eles o fizeram. As revistas se tornaram uma mistura insossa. Os livros, assim diziam os malditos críticos esnobes, eram água de louça suja. Não admira que parassem de ser vendidos, disseram os críticos. Mas o público, sabendo o que queria, com a cabeça no ar, deixou que as histórias em quadrinhos sobrevivessem (2012, p. 80-81).

O narrador nos leva a pensar sobre o “efeito livro” e como as ideias assentadas neles modificam o pensamento do homem, fazem com que outros caminhos sejam tentados, uma vez que as palavras desagregam, e por essa razão os bombeiros de *Fahrenheit 451* não mais apaguem o fogo, mas façam uso dele para destruir livros. Esse é o meio pelo qual existe a necessidade de manter o controle da mente do homem, coordenar seus movimentos e não deixar que livros sejam vozes revoltosas. A realidade de Montag, o bombeiro em processo de deserção, corresponde à afirmação de Carneiro (2002, p. 25) de que “[q]ualquer desvio deveria ser denunciado, tornando-se prática constante e eliminação pública do culpado identificado com o mal”. Essa presença maléfica é o livro e seus mundos (in)existentes.

Os livros são vistos como algo diabólico, logo, precisam ser queimados por aqueles que outrora deveriam apagar o fogo em um futuro distante. Ou então,

fazem o caminho contrário, livros proibidos, por medo de divulgarem as ideias satânicas, ficaram guardados em mosteiros e distantes do povo durante a Idade Média, fechados em monastérios controlados pela Igreja.

Ao analisar os procedimentos inquisitórios ao longo da Idade Média, Carneiro (2002) relata que o ato de condenar está diretamente ligado à função de uma purificação da sociedade. De acordo com esse raciocínio, tratava-se de procurar o que melhor se assemelhava à visão da Igreja ao produzir sentidos para o homem, ainda que não estivesse explícito esse domínio. E mesmo vigiado, esse homem precisa encontrar uma explicação para os meios de significar, como diz o estudante ao mentor diabólico de Fausto, Mefistófeles: “Deve haver, / ainda assim, na palavra em conceito” (GOETHE, 2006, p. 193) uma justificativa. Esse é um dos muitos dilemas da humanidade e, por isso, as muitas disciplinas têm seus espaços, criam neles o conhecimento para depois guardá-los.

A palavra perde sua função primaz na acidez crítica de Mefistófeles e o ato de registrar se mostra perdido, porque o jovem, que poderíamos ver como uma projeção inexperiente do Fausto, não consegue delimitar artifícios para jogar com a criatura. Ao responder o estudante, Mefistófeles parece zombar, é um menosprezo descarado com o conhecimento em sua maneira de falar, “corrosiva negatividade, põe tudo a bulha, dessacraliza tudo, crenças e convicções” (CAMPOS, 2008, p. 79). O desafio se mostra desigual, como o próprio passado do ser humano, mesmo para Fausto.

Então, pensar os livros e as pessoas que deles fazem uso ou os guardam já traz a viabilidade de um assentamento de ideias vadias, rasteiras e inesperadas,

pois o que eles dizem agora pode vir a ser lido de outra maneira que não aquela inicialmente ofertada. Lembremos o que diz Beatty a Montag: “Um livro é uma arma carregada na casa vizinha. Queime-o. Descarregue a arma” (BRADBURY, 2012, p. 81-82), pois assim se acredita que se remove todas as ideologias e filosofias do homem. Por sua vez, Mefistófeles brinca com a ideia de sabedoria ao mesmo tempo em que transforma seus pensamentos em filosofia do dominador, subjugando facilmente o jovem estudante. Tantos livros à volta deles e todos como armas descarregadas não conseguem dar algum brilhantismo a uma possível defesa do estudante, exatamente como Ben.

E quando os livros recebem a classificação de literatura proibida, cujos temas supostamente agridem o sistema vigente que qualquer desvio ou livre-crítica não encontra lugar? Seus temas são controversos e tornam o debate a respeito deles área espinhosa, como aquelas em que o segredo deve ser absoluto ou que dizer o nome de seu algoz signifique algum tipo de punição. Segundo Carneiro (2002, p. 27, aspeamento da autora), o “herege, elemento crítico e contestador da ‘verdade’ imposta, deveria ser eliminado” como objetos de expiação, como naquela época da Inquisição, ainda hoje livros recebem classificações demonizantes.

Ben é um jovem aprendiz colocado inesperadamente diante de uma situação extrema, que pode revelar vários segredos por trás das muitas histórias secretas de seu tutor e mestre, como descreve a citação: “por enquanto, precisava se contentar com o apelido de ‘guardião de livros’ dado por seus amigos, devido ao trabalho de catalogar e guardar livros na biblioteca” (WURLITZER, 2014, p. 38, aspeamento

do autor). Somente nesse fragmento já estão agrupados os grandes segredos acerca das histórias do continente Olam e do tutor de Bem: guardar livros não era apenas um ato mecânico, mas uma maneira de preservar o proibido.

Esse tutor, Enosh, assim como Fausto, tem uma enorme ânsia pelo conhecimento, e da mesma forma que consegue surpreender a todos, ele também deseja expandir suas experiências. Tanto Ben quanto o estudante se acham enredados nesse xadrez do saber lidar com as filosofias, e Enosh, bem como Fausto, deseja o conhecimento completo e saber tudo, como descreve Jaeger:

Em primeiro lugar coisas novas, possuir continuamente outras coisas, ver imagens inéditas, cada vez mais espetaculares. Em sua vontade de exercer poder sobre a Vida, ele cobiça manipular condicionalmente os seus elementos – e, em virtude dessa exigência desmedida, fica à mercê do diabo. A proibição fáustica do deter-se, a negação de tudo o que existe no aqui e agora, da realidade momentânea, e o seu almejo insaciável pelo ainda-não-existente, por aquilo que ele não possui, essa disposição de consciência é representada por Mefistófeles (2007, p. 310).

Da mesma maneira que Fausto, Enosh também procurara os meios de controlar o mundo a sua volta, via conhecimento, e de alguma forma deter em suas mãos a vida de outrem, manipulando elementos essenciais para que uma pessoa estivesse dentro de normas e padrões determinados, como rezam as tradições em Olam. Os dois devem entender o funcionamento da história de seu tempo e de seu mundo, atentando para suas variações.

Em ambos os casos, eles lidam com a morte e se veem obrigados a responder pelas implicações de suas atitudes, como descreve o mestre de Ben:

Ainda me pergunto se, talvez, a História seja realmente aquilo que os antigos menestres cantavam: um experimento extravagante de El [Deus] ou um projeto monótono sem variações. Apesar de todos os longos anos que vivi e de tudo o que passei, ainda não tenho certeza a respeito dessas coisas. E, por isso, algumas perguntas continuam sendo tão dolorosas para mim: Será que minhas escolhas (nossas escolhas) poderiam ter sido outras? Será mesmo possível controlar o destino? O amor não deveria vencer a morte? (WURLITZER, 2014, p. 13).

São questões igualmente levantadas por Fausto, ao olhar o povo ser vitimado pela peste. Ele volta ao seu quarto de trabalho e, em meio aos livros, não consegue encontrar respostas para resolver o problema. Por sua vez, o mundo de Enosh também sofre com o que se acha em curso. Em meio aos livros, reconhece que qualquer projeção futura não poderá ser atingida. Ambos são mestres conhecedores de muitas ciências, mas incapazes de dar aos outros e a si mesmos esperança. A maneira como o conhecimento é colocado propicia um entendimento de que ter tal domínio não exime aquele que apreende suas informações de sentir o peso quando dele faz uso.

Os mestres Fausto e Enosh detêm o conhecimento sobre o significado de ultrapassar o portal referido por Mefistófeles e como fazê-lo. O mesmo não pode ser dito do estudante e de Ben. Para eles, a passagem é desconhecida e, por esta razão, os apelidos dados a eles servem para afirmar apenas que ainda precisam aprender muito.

O nome/apelido de “guardião de livros” pelo qual Ben atende, desde o momento em que fora morar com Enosh, possibilitou o contato com todas as formas de conhecimento, tanto para o bem quanto para o mal. Eram livros velhos, antigos, secretos, públicos, científicos, políticos, enfim, todos à disposição, conhecimentos suficientes para destruir ou salvar uma vida, como mostravam os livros de medicina. Todas as respostas relacionadas ao mundo e ao submundo de Olam residiam na clara significação da materialidade representada pelo objeto livro, movimento este que, inclusive, pode trazer outro significado à própria vida do personagem Ben.

Em *Fausto*, o conhecimento parece traduzir não o princípio, mas a certeza de que o fracasso é algo relacionado ao saber e, como um fardo, consegue roubar a inocência para olhar o mundo e tudo que nele existe enquanto ocorre um duelo, por assim dizer, entre o estudante e Mefistófeles. Na primeira cena passada no quarto de trabalho dentro da casa de Fausto, o referido diálogo parece ser uma brincadeira com as evidências do conhecimento, puramente pelo viés infável que a lógica estabelece. Diz Mefistófeles: “Com o hábito é que vem o apreço / Assim recusa o mátrio leite / A criancinha, no começo, / Mas chupa-o em breve com deleite. / Eis como ao seio da sapiência, / Se aguçará vossa apetência” (GOETHE, 2004, p. 185). São palavras jocosas sobre a chegada da criança ao mundo em paralelo ao acesso ao conhecimento, e este pode ser alcançado não sem uma sentença.

O jovem estudante desconhece a verdadeira face de seu interlocutor e, portanto, o debate tende para Mefistófeles, cujos argumentos se mostram calcados por uma lógica capital. Lógica essa pretendida pelo

estudante. Nesse embate, Mefistófeles desempenha a função de advogado de si mesmo, além de indicar ao estudante o curso que a sua vida poderá tomar. Uma mediação de teor dialético desse embate é percebida por Campos (2008, p. 81): “O sagrado, o conflito escatológico do Bem e do Mal, se recompõe pela medida do homem”, dado à literatura pelo autor não como um ser ponderado em suas ações e pensamentos, mas implicado pela dúvida.

E, assim como Enosh, Fausto tenta justificar seu desejo, mas é algo difícil de se fazer. Berman argumenta que

O que esse Fausto deseja para si mesmo é um processo dinâmico que incluiria toda sorte de experiências humanas, alegria e desgraça juntas, assimilando-as todas ao seu interminável crescimento interior; até mesmo a destruição do próprio eu seria parte integrante do seu desenvolvimento (2007, p. 53).

O desejo pretendido e idealizado por Fausto também faz parte da projeção de Enosh para Olam. Ambos os mestres enxergam nos jovens a esperança de que seus mundos adentrem aos novos tempos. Diante desse evento, algo se coloca em nossa análise: trata-se de um ponto por demais curioso ao observar que, na Alemanha do fim de século XVIII, a grande presença da Igreja exercia seu poder educador, inibidor, controlador e ainda vigilante quanto aos pensamentos do homem a respeito da relação materialidade/espiritualidade.

Em suas pesquisas sobre livros proibidos, em que mostra os trabalhos da Inquisição portuguesa a partir do século XVI, Carneiro (2002, p. 28, aspeamento da autora) explica que “[n]este momento, estamos diante da ‘apropriação penal’ dos discursos, ato que justificou por muito tempo a destruição dos livros e a condenação dos seus autores, editores ou

leitores”. Nos casos dos textos literários trabalhados neste artigo, a presença física do livro e seu uso podem receber interpretações que apontam para o sentido da desagregação social em virtude dos temas que seus autores escolhem. Montag, Beatty, Enosh, Ben, Fausto e o estudante, todos passam ou passaram pela provação de saber o que há por trás de cada livro, bem como o dilema de olhá-los e temerem pelo que podem trazer.

Montag, ao acompanhar a desintegração dos livros pelo fogo e as várias vezes em que consegue ler alguma frase, enquanto eles queimam, tem despertada nele a curiosidade em saber quais os complementos daquelas frases: “– O que será que os livros dizem, ele se pergunta. [...] Bem, Montag, pode acreditar, no meu tempo eu tive de ler alguns, para saber do que se tratava, e lhe digo: os livros não dizem nada! Nada que se possa ensinar ou em que se possa acreditar.” (BRADBURY, 2012, p. 85-86). Sua sociedade, pela voz de Beatty, entende que se tratam de algo terrível e usurpador da liberdade de pensamento do homem. Não há orientação para que se leia livros, a não ser aqueles cujo Estado entende que mantêm a aparente face de felicidade, desde que o homem não seja levado a pensar ou questionar a sua condição de servidor da sociedade. Escutemos, novamente, o que diz Beatty a Montag:

Serenidade, Montag. Paz, Montag. Leve sua briga lá para fora. Melhor ainda, para o incinerador. Os enterros são tristes e pagãos? Elimine-os também. Cinco minutos depois que uma pessoa morreu, ela está a caminho do Grande Crematório, os incineradores atendidos por helicópteros em todo o país. Dez minutos depois da morte, um homem é um grão de poeira negra. Não vamos ficar arengando

os in memoriam para os indivíduos. Esqueça-os. Queime tudo, queime tudo. O fogo é luminoso e o fogo é limpo (BRADBURY, 2012, p. 83).

Em seu tempo, Ben também enfrenta uma diversidade de condições que implicam saber silenciar. Todas as respostas relacionadas ao mundo e ao submundo de Olam residem na clara significação da materialidade representada pelo objeto livro, movimento este que, inclusive, ressignifica a própria vida do personagem Ben. Todo o treinamento pelo qual passa para compreender a importância relativizada ou não do livro traz para ele a informação que lhe falta e diz respeito à sua origem enquanto pessoa. Quanto ao apelido de “guardião de livros”, cada uma dessas palavras traz em si uma significação que se divide em outras possibilidades. O narrador mostra ao leitor como o livro se metamorfoseou para não ser apenas o papel.

Como, então, pensar a respeito do livro como objeto integrante de nossas vidas? Muitas vezes, ele entra em nosso dia-a-dia de maneira natural. Em muitas de nossas ações, o movimento que sofre é o de passar por um conjunto de dogmas registrados e paragrafados em papel. E, se por ventura algo ou alguém deixa de cumprir a postura que é devida, vem sobre este a cobrança inevitável que, por conseguinte, termina em condenação, seja por vias supersticiosas ou oficiais.

Sabemos da defesa teológica dos compromissos que o homem deve cumprir de acordo com o estabelecido pela *Bíblia*, um livro considerado pela tradição ocidental como definitivo, incontestável e indispensável, e que não traz em seu escopo aparentemente nenhuma discrepância. Isso é parte de sua construção ideológica, para que não ocorra desvio ou que a reflexão crítica não se torne princípio de rebelião. Em

qualquer época, o sagrado é aquele que não concede aspas para qualquer conjectura, não pressupõe a dúvida, outrossim, traz em suas abas ressonâncias dos céus em contrapartida ao que inflama o inferno.

A ausência de percepção e sua falta de experiência ante à presença de Mefistófeles impede o estudante de ver as muitas aparências e formas desse jogador infernal, que pode lhe causar um desvio em seus propósitos. Lembra-nos Pereira (2006, p. 27) que a “tradição popular, desde a Idade Média, costumava materializar Satanás sob inúmeras versões. De anão a serpente, passando por cachorro, bode, sapo, lobo, até frade”. Por sua vez, o demônio em sua jocosidade com as palavras pronuncia o risco pelo qual certamente o jovem passará, uma vez que este, como discípulo de Fausto, anseia pelo conhecimento.

Essa é a mesma prerrogativa dada a Ben, ter à sua volta todas as chaves da sabedoria por meios múltiplos, mas estar sujeito ao ato condenatório por não se subjugar e, como espírito rebelde, ser o promotor da inquietação: “Só lhe restava ficar ali, impotente, olhando para a cena terrível, sentindo como se uma parte de sua vida também estivesse virando cinzas, e houvesse se tornado órfão pela segunda vez” (WURLITZER, 2014, p. 38). Tal procedimento vai contra aquilo que seu mestre Enosh gostaria que ele não fizesse; sua experiência já lhe demonstrara que a consciência adquirida via conhecimento não se apresentava ausente de responsabilidades, muito pelo contrário, traz em seu bojo aspeamentos em palavras duras que desprestigiam a inocência.

Considerações finais

Colocamos sobre a mesa livros cujas propostas nos remetem às fogueiras de purificação, tratando de *Livros Proibidos*, *Idéias Malditas* (CARNEIRO, 2002), pensando sobre como as palavras livrescas inquietam e incomodam, criam demônios nos pensamentos e começam a nos mudar. Como acontece a Montag: “Você sabe por quê? Eu não, com certeza que não! Talvez os livros possam nos tirar um pouco dessas trevas. Ao menos *poderiam* nos impedir de cometer os mesmos malditos erros malucos!” (BRADBURY, 2012, p. 98, grifos do autor). Existe uma polifonia, um arranjo de vozes ecoando a nível de passado, presente e futuro, todos ligados intimamente com a construção e permanência do conhecimento.

O saber, o conhecer e o ato de externalizar os mesmos sempre trazem à tona a insuficiência social das ideias estabilizadas, enraizadas como verdades absolutas em favor próprio daqueles que se servem delas, dando-lhes sensações

[p]artidárias do proibicionismo, as autoridades policiais procuraram hierarquizar as idéias submetendo-as, diariamente, a um processo seletivo com o objetivo de purificar a sociedade. Definiam, até décadas atrás e segundo a lógica, os limites entre o lícito e o ilícito. Este ato de saneamento ideológico processou-se através da censura preventiva e punitiva cujo principal objetivo era impedir a circulação das idéias rotuladas de ‘perigosas’ (CARNEIRO, 2002, p. 22-23, aspeamento da autora).

Partindo do raciocínio de Carneiro, é possível perceber na atitude de Mefistófeles esse poder proibicionista e dominador regrado hierarquicamente pela ordem da palavra escrita como documento contratualizante e ferino,

traçado pelo próprio sangue de Fausto. São pactos aprendidos pela sociedade, os quais objetivam o controle das ações, das ideias e dos deslocamentos do indivíduo, que não pode e não deve alterar uma palavra que esteja assentada no contrato.

De uma maneira muito auspiciosa, a presença física do livro no contexto destas três obras, *Fausto*, *Fahrenheit 451* e *As crônicas de Olam: luz e sombras*, aponta indistintamente para os caminhos fugazes que o homem tende a querer passar. Participando das análises de Carneiro (2002), em todas as épocas existiram inconformismos, mesmo que deles sobreviessem perigos ao se julgar e condenar à fogueira obras ditas malditas. Segundo a autora, “[a]través do fogo destruíam-se, lentamente, os vivos e, até mesmo, os mortos cujos os ossos eram desenterrados e incinerados em praça pública” (CARNEIRO, 2002, p. 27), a exemplo do que é visto em *Fahrenheit 451* como atos, rituais de purificação.

Esse fogo se estende à narrativa *As Crônicas de Olam*, quando a casa onde Ben mora é queimada: “A dor das queimaduras nas mãos não era nada diante da dor de sua alma ao ver a destruição causada pelas labaredas” (WURLITZER, 2014, p. 37). Por sua vez, todos os conhecimentos de Fausto não o salvam ou redimem aqueles que por sua causa, pelo pacto estabelecido, foram levados à morte.

Mesmo que os tempos sejam outros, pensar pelos livros e agir por suas filosofias em muito podem ser traduzidos como ressurgimento de hereges, desobedientes às ordens sociais, políticas e religiosas. Tal ocorrência se dá porque “a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitas” (CHARTIER, 1998, p. 7). E o leitor não

quer se sujeitar apenas a uma única interpretação dos textos lidos.

Devemos, no entanto, lembrar antes da queima dos livros o que afirma Chartier (1999, p. 152): “O texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada”. Queimar, para os juizes do medo, significa purificar, deixar a ordem estabelecida, não permitir que o caos faça seu desfavor apregoando o terror de pensamentos sem pares e sem ordem.

Ben traz algo que pode ser encontrado em nosso mais íntimo, uma vez que as centelhas deixadas pelos livros incendeiam os pontos escondidos de nós. Eco (1985, p. 66) escreve que “existem idéias obsessivas, nunca pessoais, os livros se falam entre si, e uma verdadeira investigação policial deve provar que os culpados somos nós”, que nos tornamos palavras, páginas, contos, livros, cada um em sua história, em seus caminhos e descaminhos, porque, como leitores, queimamos internamente movidos pelo nosso próprio caos: o desejo incessante de saber. Saber que movimenta o ser humano e que provoca seus descaminhos, assim como Ben consegue se perceber nos intensos acontecimentos de Olam. Sua saída de Havilá é, portanto, a representação de todo o seu inquietamento em ter a percepção de que algo sempre está movendo, como uma roda na vida dos seres humanos.

Referências

- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel fogo e queima do livro pega fogo e queima. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2012.
- CAMPOS, H. de. **Deus e o diabo no Fausto de Goethe**: marginalia fáustica. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CARNEIRO, M. L. T. **Livros proibidos, idéias malditas**: o DEOPS e as minorias silenciadas. São Paulo: Ateliê Editorial, PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP; Fapesp, 2002.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- ECO, U. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ECO, U. **Pós-escrito a O Nome da Rosa**. Tradução de Letizia Zini Antunes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- GOETHE, J. W. von. **Fausto, Uma tragédia**. Primeira parte. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2007.
- JAEGER, M. A aposta de Fausto e o processo da Modernidade: Figurações da sociedade e da metrópole contemporâneas na tragédia de Goethe. **Revista Estudos Avançados**, Universidade de São Paulo, v. 21, n. 59, p. 309-322, fevereiro de 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10225/11839>, acesso em 26 abr. 2021.
- PEREIRA, K. M. de A. Introdução: As muitas aventuras de André Peralta e seu companheiro endiabrado ou um soldado pícaro às voltas com o demônio. In: SILVA, A. J. da. **Obras do diabinho da mão furada**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2006, p. 15-46.
- WATT, I. **Mitos do individualismo moderno**: Faust, Don Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- WURLITZER, L. L. **As crônicas de Olam**: luz e sombra - v. I. São José dos Campos: Fiel, 2014.

Recebido em 2021-
Publicado em 2022-03-01